

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E PRODUÇÃO DE SENTIDO

Coordenador:

Pedrinho A. Guareschi (PUCRS)

Participantes:

Angela Maria de O. Almeida (UnB)

Angela Arruda (UFRJ)

Clélia Nascimento Schulze (UFSC)

Edson Alves de Souza Filho (UFRJ)

Marcos Reigota (Univ. Sorocaba)

Maria de Fátima de Souza Santos (UFPe)

Mary Jane Spink (PUCSP)

Sandra Maria da Mata Azeredo (UFMG)

ENTRE O REIFICADO E O IMPONDERÁVEL

Pedrinho A. Guareschi

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

A discussão proposta situa-se num plano teórico e epistemológico. Quer retomar uma questão central e recorrente nas ciências humanas, e está ligada a quatro pontos básicos e interligados: a) a questão do objeto das ciências humanas: existiria um objeto que tenha alguma concreitude e estabilidade? Como ter relativa certeza de que se está falando do mesmo objeto? Em tempos de transitoriedade e fragmentação, essa questão retorna com relativa importância. b) A questão do sujeito que conhece: qual o estatuto desse sujeito? Pode-se falar ainda de alguém que "ancora", de alguém que dê garantia de ser sintetizador das ações e dos sentidos? Pode-se ainda recorrer ao sujeito? As duas questões acima referem-se à problemática do conhecimento: como entender a relação entre um sujeito que possivelmente conhece, e um objeto que possivelmente é conhecido? Se ambos mudam, e mudam qualitativamente, o que seria e qual a possibilidade de conhecimento? Há um crescer no conhecimento? Que garantia podemos ter de que um conhecimento seja "ele mesmo", ou até que ponto será "ele mesmo"? c) A questão da prática e da atividade humana: qual o estatuto da prática humana? Onde se apoiaria uma possível ação humana? É possível (e lícito) falar de situações sociais que possam (ou devam) ser transformadas? d) A questão do compromisso ético dos agentes humanos: pode-se ainda falar em responsabilidade e em ética? Existe um ancoradouro onde apoiar propostas de ação? Não há dúvida que estamos numa época propícia de questionar determinadas "certezas". Ao mesmo tempo, cremos, é necessário garantir um ponto de apoio, de onde se possa falar, seja ele qual for. Sem querer copiar Descartes, podemos duvidar de tudo, mas não podemos duvidar da própria dúvida. "Tudo o que é sólido desmancha no ar", dizia o velho Marx. Inclusive o próprio Marx? Onde nos colocamos, no amplo espectro de um Durkheim do "fato social é uma coisa", e um Guilherme Occam do "flatus vocis"? (CNPq).

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E PRÁTICAS EDUCATIVAS

Angela Maria de Oliveira Almeida

Universidade de Brasília

O que nos interessa, especificamente, nesta reflexão, são as possibilidades de mudança nas práticas educativas, de tal modo a garantir uma efetiva inserção/ação/trans-formação dos sujeitos nos processos sociais. Diferentes estudos, foram realizados por nós sobre as representações sociais da infância pelos professores, pais, educadores de rua e monitores de menores institucionalizados e babás.

Representações sociais do desenvolvimento das competências das crianças, dificuldades de aprendizagem na infância, representações sociais do bom professor e a construção de identidades sociais de crianças em situação de exclusão social. Estes estudos permitem-nos constatar a coexistência de elementos das representações extremamente arcaicos, com elementos que integram perspectivas teóricas do pensamento contemporâneo. A criança é ao mesmo tempo vista como um sujeito constitutivo e constituinte da realidade social, por um lado, e geneticamente definido pela vontade divina, por outro. Paralelamente, observa-se, um fracasso quase generalizado, dos programas de ação governamentais e não-governamentais, em fazer frente a uma política social e econômica de pauperização e de exclusão social, que nega à infância um espaço social compatível ao seu desenvolvimento plenamente humano. Assim, para além de uma preocupação com o conteúdo e a estrutura das representações sociais, importa-nos, neste momento, buscar pistas que indiquem possibilidade de mudanças nestas representações, visando alterar o estado atual da forma como a infância pobre é concebida e das práticas educativas a ela dirigidas.

REPRESENTAÇÕES E CULTURA EM "O QUE O BRASILEIRO PENSA DO MEIO AMBIENTE"

Angela Arruda

Universidade Federal do Rio de Janeiro

A análise preliminar de alguns dados obtidos na recente pesquisa nacional "O que o brasileiro pensa do meio ambiente, do desenvolvimento e da sustentabilidade" constituiu o material empírico fundamental deste trabalho. Este projeto, coordenado por Samyra Crespo, compunha-se de um "survey" nacional junto a uma amostra representativa da população brasileira, e uma pesquisa qualitativa, coordenada por mim, junto a lideranças de seis setores da comunidade ambientalista (ambientalistas, técnicos governamentais/ gestores, cientistas, empresários, movimentos sociais, parlamentares, num total de 90). Serão abordadas do ponto de vista de uma análise de representações sociais as características culturais consideradas pelos entrevistados como positivas e negativas para o desenvolvimento de uma consciência ecológica no país. O objetivo desta apresentação é o de estabelecer um debate com uma exploração anterior a propósito do imaginário brasileiro sobre o ambiente natural. Esta se baseava num levantamento de representações contidas no discurso de historiadores, cientistas sociais e na literatura brasileira em momentos diferentes da instituição imaginária da sociedade brasileira: o início da colonização, o estabelecimento do Brasil-nação, o ingresso na "modernidade", selado pela proclamação da

República, o fim da escravidão, a virada do século, e o "modernismo" com suas novas maneiras de representar o Brasil e sua gente. Trata-se de fazer dialogar os entrevistados e aqueles universos representacionais, emblemáticos de momentos e projetos históricos anteriores, configurando, ao mesmo tempo, visões da cultura brasileira. A tentativa é de perceber os pontos de contato e de afastamento entre formadores de opinião do presente e do passado, buscando captar a construção de suas representações e a orientação destas, com suas invariâncias e modificações. Desta forma, acredito estar caminhando na perspectiva de pensar a relação entre representações sociais e cultura, como um aspecto da psicologia social que volta à preocupação com o cruzamento dos universos simbólicos e sociais. (Ministério do Meio Ambiente, Museu de Astronomia-MAST/CNPq e Instituto Superior de Estudos da Religião-ISER)

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO UNIVERSO

Clélia Maria Nascimento-Schulze
Universidade Federal de Santa Catarina

O presente estudo faz parte de um projeto que trata das representações sociais na ciência, especificamente das representações do universo e do tempo, enquanto tratados pela física. Buscamos aqui identificar as representações que diferentes grupos profissionais tem do universo, a partir de um material estímulo que explora fenômenos tratados pela física quântica. Partimos dos pressupostos que: (1º) as teorias científicas ao serem popularizadas passam a fazer parte do conhecimento socialmente compartilhado e que (2º) os diferentes grupos de cientistas compartilham representações relativas a certos aspectos da realidade, em decorrência de sua especialização, (3º) e que quando confrontados com um conteúdo não-familiar, os cientistas de uma dada tradição disciplinar, buscarão ancorar esse novo conhecimento a um corpo de informações conhecido e compartilhado por seus pares. O estudo envolve 60 entrevistados, sendo que um primeiro grupo é composto por 20 professores(as) doutores(as) da área de ciências humanas; um segundo grupo é composto por 20 professores(as) doutores(as) da área de ciências exatas e um terceiro por 20 estudantes do 2º grau. Metade dos sujeitos é do sexo masculino e metade do feminino. O procedimento envolve a leitura de um material que é também apresentado em um vídeo, com duração de 8 minutos, e que discute 3 fenômenos estudados pela teoria quântica, a saber: o movimento "spin" dos elétrons, a dualidade onda-partícula e a sincronicidade do comportamento das partículas. Depois de serem confrontados com o material de divulgação científica, os sujeitos responderam a questões que exploram seu nível de informação anterior sobre os conteúdos abordados, a aceitação das representações propostas e seu impacto sobre as

representações que os indivíduos têm sobre o universo. As entrevistas foram gravadas e transcritas e seu conteúdo analisado considerando os grupos profissionais e de gênero. Os dados sugerem que a inserção profissional dos sujeitos tenha a função de tornar o conteúdo não-familiar em algo familiar e que a variável gênero tenha um impacto sobre as estratégias de familiarização com a novidade. O compromisso com a produção de conhecimento por parte dos doutores - quando comparados com os secundaristas - promove uma mobilização de dimensão existencial frente ao conteúdo tratado. A teoria quântica parece por em cheque crenças em relação ao conhecimento científico na medida em que questiona as categorias do espaço, tempo e causalidade. (CNPq)

REPRESENTAÇÃO E INFLUÊNCIA SOCIAL EM SITUAÇÕES EDUCACIONAIS.

Edson de Souza Filho
Universidade Federal do Rio de Janeiro

A partir de cinco processos de influência social (aniquilação, submissão, identificação, internalização e transformação) foram analisadas representações e relações intergrupais em situações educacionais. Destarte, conforme o processo de influência empreendido, as representações e suas estilizações (apropriação/desapropriação, personalização/despersonalização, agrupamento/desagrupamento, criação/mudança psicossocial) assumiram configuração/sentido diferenciados.

Estudo I - Observamos 157 desenhos e textos de crianças sobre a sala de aula em funcionamento, de escolas públicas e privadas, situadas em pontos afastados, intermediários e próximos de grupos sociais dinâmicos da cidade do Rio de Janeiro. As escolas mais próximas de locais dinâmicos, tenderam a apresentar materiais expressivos de personalização/apropriação individual e grupal, enquanto as mais afastadas de despersonalização/desapropriação. A comparação entre desenhos e textos, revelou uma forte tendência de usar o desenho com conteúdos de influência de tipo aniquilação (despersonalização/desapropriação), ao passo que as palavras foram mais empregadas, ou em congruência com os desenhos, nos grupos em que houve mais identificação, internalização e transformação.

Estudo II - 18 pós-graduados brasileiros que haviam residido e estudado em países mais prestigiosos (P+) (EUA, Inglaterra, Alemanha e França) e menos prestigiosos (P-) (México, Espanha e Portugal), apresentaram depoimentos, em 1990, sobre sua experiência e mudança nesses países e no Brasil, após a volta; aproveitamento de estudos; formas de relacionamento acadêmico-profissional e informal no país-anfitrião; e, sobre o estudante brasileiro ideal no exterior. Metade dos estudantes em P+, declararam-se simpatizantes de posições políticas

de esquerda no Brasil, enquanto a maioria em P- social-democrática, liberal e sem posição. As áreas de conhecimento dos estudantes em P+, foram, majoritariamente, de ciências exatas, biológicas e engenharias; enquanto em P-, na mesma proporção entre ciências exatas/biológicas e humanas. Em países P+, houve maior tendência de mudança representada de internalização profissional, identificação com o país-anfitrião e desidentificação com o Brasil; enquanto em P-, houve internalização cultural, desidentificação com o país-anfitrião e identificação com o Brasil. As representações do relacionamento acadêmico-profissional e informal, contudo, caracterizaram-se tanto em P+, quanto em P-, por forte distância social; mas o professor-orientador em P-, tendeu a ser visto mais favoravelmente, assim como observamos relativamente mais menção de reconhecimento social. Enfim, ao imaginar o estudante ideal houve maior expressão, em P+, de necessidade de disponibilidade de submissão ao país-anfitrião; enquanto em P-, menos especificação e, mesmo, impossibilidade de imaginá-lo, seguido por referências a individualismo e cosmopolitismo. (CNPq)

**A CENTRALIDADE DO CONCEITO DE RISCO
NA CONSTITUIÇÃO DO
IMAGINÁRIO MODERNO:
A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA ADOLESCÊNCIA**

*Mary Jane Paris Spink
Benedito Medrado
Pontifícia Universidade Católica*

O risco é, talvez, inerente à vida. Viver, diz o ditado, é um risco. Entretanto, os sentidos que lhe são dados estão implicitamente vinculados ao contexto histórico-cultural em que as práticas cotidianas se desenvolvem. Assim, é de especial interesse a progressiva expansão histórica das fronteiras espaciais e temporais que fazem com que o risco possa ser percebido para além das subjetividades individuais. Estas rupturas, intrinsecamente associadas às transformações da comunicação midiática, possibilitam afirmar que estamos vivendo uma transição que nos leva do "risco como fenômeno focal da sociedade moderna" à sociedade de risco. No âmbito de um projeto integrado, em desenvolvimento no Núcleo de Pesquisa *Psicologia Social e Saúde*, temos estudado o uso de repertórios sobre risco em variados domínios de saber. Além disso, considerando a disponibilidade de repertórios numa perspectiva sócio-histórica, bem como o papel da mídia na criação de espaços de significação, adentramos também a esfera do risco no cotidiano a partir do desenvolvimento de uma metodologia própria, baseada em *oficinas de risco*. Estas várias dimensões integram-se através de um modelo teórico que busca desvendar a produção de sentido no cotidiano. Considerando a produção de sentido um fenômeno lingüístico, buscamos entender as práticas discursivas que atravessam o cotidiano (narrati-

vas, argumentações, conversas), identificando os repertórios utilizados nestas produções discursivas. Trata-se de referencial construcionista, alinhado aos psicólogos sociais que trabalham de formas variadas com práticas discursivas. Para esta apresentação, estamos propondo analisar as multidimensões e a funcionalidade do risco no contexto da adolescência, considerando que, de um modo geral, circulam no imaginário social contemporâneo sentidos sobre adolescência e juventude que se associam à noção de crise, desordem, irresponsabilidade, "problema social". O conceito de risco aparece fortemente associado a esses repertórios, através de expressões como: gravidez de risco, risco de contrair o HIV, risco de uso de drogas, risco de se deixar influenciar por "más companhias", risco de vida frente à violência. O conceito de risco parece, assim, definir e circunscrever negativamente esse período da vida.

**O SIGNIFICADO DA VIOLÊNCIA CONTRA
MULHERES E A QUESTÃO DA DEMANDA
NA DELEGACIA DE MULHERES**

*Sandra Azerêdo
Universidade Federal de Minas Gerais*

No segundo semestre deste ano, o Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais iniciou uma nova área de estágio. Trata-se de um estágio na área de Psicologia Social, realizado na Delegacia Especializada em Crimes contra a Mulher/DECCM (mais conhecida como "Delegacia de Mulheres") da Secretaria de Segurança Pública do Estado de Minas Gerais, em Belo Horizonte. Os estudantes trabalham no Serviço de Psicologia da Delegacia e suas atividades incluem: atendimento (individual e em grupo) a mulheres vítimas de violência; atendimento a casais que comparecem à Delegacia; atendimento a crianças que freqüentemente acompanham as mulheres que comparecem à Delegacia. O presente trabalho procura entender a especificidade do estágio em Psicologia Social na Delegacia de Mulheres, se apoiando tanto nas teorias desenvolvidas pela Psicologia Social quanto na teoria feminista, compreendendo o significado da violência contra a mulher dentro de uma perspectiva de gênero que não se restrinja a relações meramente conjugais, incluindo também o contexto em que ocorre a violência. O foco do estudo será a representação da violência contra a mulher no grupo de pessoas que prestam serviços na Delegacia e no grupo de usuárias da Delegacia e como estes grupos representam a demanda de serviços na Delegacia. Neste primeiro semestre, terminamos a primeira fase do estudo, que iniciou com a uma análise psicossociológica do Setor de Psicologia. Tal análise se baseou em reuniões com as psicólogas responsáveis pelo atendimento no Setor, uma reunião com supervisores de outras Faculdades que oferecem estágio na Delegacia e

seus estagiários, e o material trazido pelos estudantes para a supervisão, material que inclui não apenas o atendimento dos casos, mas também uma observação do funcionamento da própria Delegacia. O estudo se propõe a fazer uma reflexão sobre a possibilidade de se desenvolver uma prática que combine a clínica e a organização, levando em conta questões de ordem ética que devem mediar a utilização de técnicas e o processo político de transformação social.

A IUGOSLAVIA EM MIM.

Marcos Reigota
Universidade de Sorocaba

Com o final do regime comunista nos países da Europa Central, uma série de conflitos religiosos, étnicos, culturais, políticos e ecológicos vieram à tona. A desintegração da ex-Iugoslávia e a sanguinária guerra civil que se seguiu são dois dos seus mais significativos e complexos episódios. A idéia de que o século XX, começou e terminou com as guerras nos Balcãs, é hoje de senso comum. As duas grandes guerras mundiais e a recente guerra civil iugoslava, são conflitos fundamentais para a análise da "pulsão de morte", de (auto) destruição e crueldade da espécie humana. A busca de soluções para conflitos históricos, como o da Iugoslávia, através de atos de barbarismos em pleno final do século XX, e no espaço geográfico, político e cultural europeu, desafia a noção de racionalidade, herdeira do Iluminismo e característica fundamental da Modernidade. Considerando a dimensão planetária e os significados para a humanidade do conflito iugoslavo, procurei conhecer e estudar as suas origens e consequências, no período que marca a transição cultural e política da modernidade à pós-modernidade. Um dos pontos centrais do trabalho, foi considerar como a "questão iugoslava", foi abordada no Brasil, entre outros, através dos meios de comunicação de massa, artigos e/ou comentários de intelectuais brasileiros e da difusão de obras artísticas e científicas, artigos de opinião, etc... produzidas por pessoas originadas dos países da ex- e atual Iugoslávia. Foram também incluídas as minhas impressões de viagens realizadas na região em 1986 e 1995. A "Iugoslávia em mim", é um trabalho constituído de 24 textos manuscritos em cinco cadernos brochura de 100 páginas cada um, escritos mensalmente, entre Outubro de 1995 à Agosto de 1997.

IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO SOCIAL

Maria de Fátima de Souza Santos
Universidade Federal de Pernambuco

O presente trabalho teve como objetivo principal investigar as diferentes estratégias utilizadas por sujeitos idosos para a manutenção de sua identidade e as estratégias utilizadas por seus familiares, em contexto rural e urbano, a partir das representações sociais de velhice. Falar de identidade na velhice remete necessariamente às histórias individuais e coletivas construídas em contextos sociais específicos. Neste sentido, busca-se investigar como a construção de determinadas representações fornecem a base da qual emergem identidades e estratégias individuais para fazer face ao objeto social em questão. Partindo dos resultados obtidos parece-nos importante buscar esclarecer o peso que tem uma determinada representação social para um grupo em um dado contexto, isto é, a saliência desta Representação, como afirma Breckwell e a centralidade do objeto para os sujeitos. Existe um modelo compartilhado que se depreende dos discursos dos sujeitos e é no confronto com esse modelo que a sua atuação junto à família e a atuação da família com relação ao idoso são abalizadas fornecendo, por consequência, elementos de sua valorização como pessoa. Contrariar tal modelo, implica a necessidade da utilização de estratégias que possibilitem a manutenção da coerência e dêem sentido às suas práticas sociais. Compreender as estratégias do sujeito e as dimensões da identidade que serão atingidas por uma dada representação social pode fornecer subsídios sobre a construção mesmo da Representação, isto é, o porquê de alguns elementos serem adotados em detrimento de outros, além do fato de tornar mais clara a relação entre compartilhamento e heterogeneidade de significados. As Representações Sociais sobre velhice parecem fornecer o contexto do qual emergem as identidades sociais e pessoais. (CNPq)